



SEMINÁRIO



Perspectivas dos Estudos Geográficos no Brasil

TEMA: Estudos Geográficos do Meio Ambiente e dos Espaços Urbanos



Palestra: A Geografia e suas aplicações no planejamento de espaços urbanos e no estudo de atividades econômicas: bases conceituais, produção recente e indicações de pesquisas

Geografia Econômica, indústria e ambientes de inovação no Brasil

Diana dos Reis Pereira Carvalho

Ms. em Geografia, UFPI

Doutoranda em Geografia, UNB

Teresina, PI
10 de Abril, 2017



ROTEIRO DE APRESENTAÇÃO

- 1) Introdução
 - 2) Bases conceituais consolidadas na Geografia Econômica
 - 3) Estado atual do conhecimento na Geografia Econômica - “estado da arte”.
 - 4) Tendências: indicação dos grupos de pesquisa identificados na Geografia Econômica.
 - 5) Conclusões
- Referências

1) Introdução

- Durante sua evolução, a ciência geográfica consolida disciplinas, temas e abordagens. A geografia moderna evolui teórico-metodologicamente, com as perspectivas:
 - Tradicional; Nova Geografia; tendências alternativas; têmporo-espacial (Christofoletti, 1982).
- Após 1920, transformações econômico-sociais, culturais e a própria evolução nas ciências, marcam a Geografia e seus sub-ramos. Assim também ocorre após 1970, com novas abordagens.
- A Geografia Econômica é o ramo que trata da localização industrial (distribuição espacial das atividades econômicas), do planejamento regional e de áreas industriais.

Objetivo geral: Discutir o ramo disciplinar Geografia Econômica e seus temas - indústria e ambientes de inovação – do ponto de vista do Brasil.

2) Bases conceituais consolidadas na Geografia Econômica

Profa. Sílvia Selingardi Sampaio

- É graduada em Geografia - Licenciatura e Bacharelado - e doutora em Geografia pela UNESP, campus Rio Claro.
- Exerce funções de Docência e de Pesquisa no Curso de Pós-Graduação em Geografia, ministrando disciplinas na área de Geografia Econômica/Industrial.

Algumas publicações e artigo selecionado

- O passado e a Geografia: o espaço urbano de Rio Claro e os testemunhos concretos de atividades industriais pretéritas (2010).
- A estruturação do polo tecnológico de Campinas (SP): contribuição ao estudo dos espaços industriais de alta tecnologia (1995).
- **Considerações em torno da Geografia Industrial. Teoria, métodos e uma nova técnica de mensuração da atividade fabril (1975).**



- Sampaio (1975) trata do tema da indústria e realiza um estudo aplicado, apresentado em duas partes:
 - ✓ Trata de teorias, procedimentos e abordagens para estudo de Geografia da Indústria; e também realiza pesquisa sobre o município brasileiro de Piracicaba (SP).
- Sampaio (op. cit.) afirma que a geografia é:

...“uma disciplina voltada para o estudo da organização do espaço terrestre, isto é, para as várias combinações espaciais de fenômenos geográficos e, assim, incorpora o estudo da atividade industrial, fenômeno que transforma o espaço terrestre, sobretudo, o urbano”.
- A geografia econômica está voltada para o estudo das localizações das atividades econômicas conjugada à produção e ao consumo de bens e serviços.

- Conforme Sampaio (1975), o objetivo da Geografia Industrial é...
 - ✓ a interpretação de diferentes padrões de distribuição, da escala local à terrestre
 - ✓ a consequente análise dos processos de implantação desses padrões e seus fatores determinantes
 - ✓ a instalação da estrutura técnica e financeira dos empreendimentos industriais, assim como suas relações com o meio ambiente.
- A atividade fabril também é objeto de estudo do economista, mas o geógrafo foca nos padrões de distribuição espacial das indústrias e sua interpretação.
- Os procedimentos e os objetivos da Geografia Industrial consideram a análise geográfica global ou regional.
- Em termos filosóficos e metodológicos, a disciplina é influenciada pela corrente francesa e americana.

- A primeira corrente: inspiração europeia trata da atividade industrial na estruturação da paisagem e na compartimentação regional.
 - ✓ Na França, o foco era no quadro regional, os movimentos de mão de obra, estrutura financeira das empresas, tendência de concentração geográfica e outros aspectos que influenciavam na regionalização.
- A segunda corrente: origem norte-americana, surgida a partir de 1950 era voltada, sobretudo, para a análise locacional da indústria, através da utilização das teorias e dos métodos da Economia e da Estatística.
- Segundo Sampaio (1975), dentre os critérios para medir magnitude e intensidade da atividade industrial estão:
 - ✓ número de estabelecimentos; número de empregos (mais aceito e utilizado); e valor acrescentado pela transformação industrial.
 - ✓ quantidade de energia consumida, salários industriais, quantidade de matéria-prima utilizada, capital investido na indústria

Conforme Sampaio (1975),

- No Brasil, os trabalhos de Geografia da Indústria apontavam para a evolução e para as estruturas industriais e seu impacto na transformação da paisagem, em analogia aos trabalhos dos geógrafos franceses.
- Até a década de 1970, a discussão metodológica e a revisão bibliográfica não caracterizavam a influência da Economia e da Estatística, aparecendo apenas nos trabalhos de Pedro Geiger (1963) e de Beatriz M. S. Pontes (1974).
- Dificuldades da pesquisa: dados insuficientes, necessidade de pesquisa direta nas indústrias para aquisição de fontes quantitativas atuais, sigilo de algumas informações - faturamento.

Sampaio (1975) aplica a base teórica a um estudo da atividade industrial do município de Piracicaba (SP), considerando:

- a) Histórico socioeconômico do município
- b) Localização geográfica funcional: agrícola e industrialmente
- c) Divisão administrativa do Estado de São Paulo/atividade industrial.

Metodologia e técnicas do estudo industrial (Sampaio, op. cit.)

- a) Para obtenção de dados industriais houve pesquisa direta nos estabelecimentos fabris para a definição atual da estrutura industrial por ramos e hierarquização.
- b) Seleção de cinco critérios para avaliação que resulta no índice médio de importância hierárquica de cada ramo industrial;
- c) Elaboração de um gráfico de setor, da fusão dos quatro critérios representados isoladamente (valor das vendas, capital investido, pessoal ocupado, área construída ocupada).

Lúcia Elena Garcia de Oliveira



- Especialista do IBGE, trabalhou na subcomissão técnica para a Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE/IBGE.
- Coordenava a elaboração de material de estatísticas econômicas.
- Em 2013 foi homenageada como servidora (aposentada) pelo IBGE, da Diretoria de Pesquisa – DPE - nos 77 anos da instituição.

Algumas publicações e artigo selecionado

- Estatísticas econômicas: em direção à reestruturação (1994).
- O lugar do negro na força de trabalho (1995);
- Indicadores sociais para áreas urbanas (1997);
- **Algumas considerações sobre a implantação de Distritos Industriais (1976).**

Imagem:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/295/fala_2013_n5_a_br_jun.pdf>

Disponível em: <<http://subcomissaocnae.fazenda.pr.gov.br/modules/.../conteudo.php?...14>>.

- Com desdobramentos das pesquisas na Geografia da Indústria, o tema de áreas industriais se tornou objeto de estudo dos geógrafos.
- Segundo Oliveira (1976), inicialmente a instalação de indústrias ocorreu sem planejamento, por isso, além da expansão do setor industrial, as áreas industriais foram utilizadas na organização espacial.
- Oliveira (1976) discute as áreas industriais no mundo, analisando especificamente o Brasil e Unidades da Federação, com DIs:
 - ✓ abordagem histórica e conceitual sobre Distritos Industriais (DIs), nos países desenvolvidos e em desenvolvimento.
- Os primeiros DIs surgiram na Inglaterra, na década de 1930, pela necessidade de resolver a depressão econômica em certas áreas e as altas taxas de emigração para regiões centrais.

- A solução foi a industrialização das áreas problemáticas, atraindo investidores, através de programas de instalação de DIs.
- Nos países desenvolvidos, o motivo da instalação era descentralizar as indústrias concentradas em grandes cidades e áreas metropolitanas; nos países em desenvolvimento surgiram como experiências para promoção da industrialização.
- Conforme Oliveira (1976), o termo DI era usado para denominar qualquer forma de aglomeração industrial planejada, sendo empregadas várias outras expressões como sinônimas.
 - ✓ No Brasil, utilizou-se o termo industrial para cidade, centro e distrito, para caracterizar áreas reservadas ao uso industrial.
 - ✓ Assim, DI é área industrial onde o planejador promove a implantação de infraestrutura básica necessária à indução de um processo de desenvolvimento industrial, considerando o zoneamento urbano.

Prof. Miguel Ângelo Campos Ribeiro



Doutor em Geografia pela UFRJ (1998). Trabalhou no IBGE de 1970 a 1999. Desenvolve pesquisas/orientações em Geografia Humana, sobre o Estado do Rio de Janeiro, focando nas temáticas do Turismo Urbano e Rural, na rede de localidades centrais, na regionalização e organização espacial.

Algumas publicações e artigo selecionado

- O papel de Nova Friburgo na rede de localidades centrais fluminense: uma análise comparativa 1966-2007 (2016)
- Os Pequenos e Médios Estabelecimentos Industriais Nordestinos: padrões de distribuição e fatores condicionantes (1991).
- Principais Linhas de Abordagem e Estudos Empíricos a Nível intra-urbano: uma resenha em torno da localização industrial (1982).

Dicionário dos geógrafos brasileiros. In:

<<http://www.grupogeobrasil.com.br/geografo.php?id=31&lab=2>>.

- **Ribeiro (1982)** realiza um trabalho conceitual sobre teoria da localização;
- Identifica as perspectivas da geografia econômica a partir da localização industrial e já aponta a perspectiva crítica na disciplina.
- A primeira abordagem é originária do trabalho do economista Alfred Weber (1909)...
- ✓ que se ocupava da localização industrial a partir do ponto de vista da empresa: ponto mínimo dos gastos de transporte, mão de obra e força aglomerativa orientaram sua teoria.
- Procurou determinar o ponto de menor custo de produção ou de localização ótima.
- Ribeiro (op. cit.) aponta autores que apresentam uma perspectiva crítica sobre a temática: o sociólogo Manuel Castells (1942-) e a geógrafa Doreen Massey (1944-2016).

Conforme Ribeiro (1982),

- M. Castells se preocupou com a teoria da localização industrial. Ele expressava as transformações que interferiam na organização do espaço, mas não desembocavam numa explicação social dos processos considerados.
- Para Doreen Massey (1979), o espaço da localização industrial deve ser tratado como o produto de processo histórico complexo, um espaço político e institucional.
 - ✓ O objeto de estudo não deveria ser visto como uma firma abstrata sem relações estruturais efetivas com o resto da economia, pois o comportamento espacial e o sistema econômico como um todo não seriam separados.
- Segundo Ribeiro (op. cit.), temas industriais urbanos também constam na literatura geográfica brasileira sob vários enfoques e escalas:
 - ✓ no âmbito regional, através de estudos de localização, fluxos de mercadorias e áreas de influência; no âmbito local, ao nível de determinadas cidades e regiões metropolitanas.

No Brasil,

- Ribeiro (1982) ressalta alguns trabalhos como o de E. Faissol, M. V. Galvão e P. Geiger que desenvolveram estudos regionais na área de influência de Recife, PE, com foco na atividade industrial, relacionada às migrações.
- Sobre o estudo das cidades, pode-se destacar o trabalho de M. Santos sobre Salvador, BA; e F. Davidovich sobre Jundiaí, SP.

Portanto, sobre as bases conceituais, destaca-se que...

- Os trabalhos de S. Selingardi Sampaio, de L. E. Oliveira e de M. A. Ribeiro são exemplos da evolução da geografia econômica e seus temas, sendo que as bibliografias apontam as perspectivas na própria disciplina.

Contextualizando uma mudança paradigmática... pós 1970

- Transformações econômico-sociais, políticas e culturais levam a uma ruptura, um novo modelo de desenvolvimento econômico e novo paradigma científico (Thomas Kuhn), com novas abordagens e temas de pesquisa.
- ✓ Economia baseada no Conhecimento, denominação utilizada para tratar de tendências em economias avançadas em torno da dependência do conhecimento, informação e altos níveis de especialização (MANUAL OSLO, 2005).
- ✓ É o período da concepção de que o desenvolvimento de países e regiões é definido pela realização da inovação.
- O grupo de pesquisadores que discute a inovação no âmbito do paradigma da Sociedade do Conhecimento é (inicialmente):
 - ✓ Economistas neoschumpeterianos, de abordagem evolucionista da Science Policy Research Unit (SPRU), Universidade de Sussex, Inglaterra.

ALGUNS DOS GEÓGRAFOS QUE APONTAM ESSE
NOVO PARADIGMA CIENTÍFICO

Professor Michael Storper



Professor da Universidade de Califórnia, Los Angeles. Ministra disciplinas de Geografia econômica, Sociologia econômica e Geografia e Planejamento urbano. Realizou trabalhos com pesquisadores do IPPUR/UFRJ e do Cedeplar/UFMG.

Algumas publicações e artigo selecionado

- *Economic growth and economic development: geographic dimensions, definitions and disparities*. Oxford University Press, 2016.
- *Contexte, localisation et commerce internationale: vers une autre 'grande transformation'?* France, 2010.
- O burburinho: a força econômica da cidade. Editora UFMG, 2005.
- **Desenvolvimento territorial na economia global do aprendizado: o desafio dos países em desenvolvimento (1997).**
- **Storper (1997) identifica a economia do aprendizado: da economia do pós guerra à Economia do aprendizado, as mudanças nas condições de desenvolvimento nacional e regional (dentre outros aspectos).**

Disponível em:

www.lse.ac.uk/researchAndExpertise/Experts/profile.aspx?KeyValue=m.storper%40lse.ac.uk

Professor Paul Claval



- Professor da Universidade de Sorbonne, dedica-se à geografia desde a década de 1950, inicialmente à Geografia Física e, depois, à Geografia Humana: Nova Geografia e Geografia Econômica. Trata da abordagem cultural, desde 1980.
- Ganhou o prêmio Vautrin Lud (“Nobel da Geografia”), em 1996.

Algumas publicações e artigo selecionado

- A natureza e o objetivo da geografia política;
- Geografia Econômica e Economia (2005);
- **A diversidade das geografias econômicas (2012).**
- Terra dos homens: a geografia (livro);
- A Nova Geografia;
- A Geografia Cultural;

Claval (2012) afirma que a geografia econômica atual é uma configuração das perspectivas – clássica; economicista; economia política; e alter-geografias.

✓ **Nas últimas três décadas do século XX surgem as abordagens: a economia da informação e da comunicação; economia do conhecimento; e os Distritos Industriais são exemplos dessa convergência.**

Disponível em: Revista expressões geográficas, 2008.

✓ Quais os autores e os temas de pesquisa abordados na Geografia Econômica contemporânea?

✓ A contribuição da geografia econômica e o tema da indústria no paradigma atual

3) Estado atual do conhecimento na Geografia Econômica - "estado da arte".

Professor André Fischer

- O francês Fischer (1935-), licenciou-se em Geografia em 1958 e terminou o doutorado em 1978. Iniciou sua carreira profissional na Universidade de Sorbonne, em 1964, como professor de Geografia Regional.
- A partir de 1982 dirigiu vários laboratórios de pesquisa em Paris, exercendo sua principal atividade científica em seu *Centre Recherches sur L'Industrie et L'Aménagement* (CRIA), importante na formação de geógrafos.
- Experiência e temas de pesquisas: Geografia Econômica/Industrial; Geografia Regional; Ordenamento do território; e Transportes. Estudou a dimensão espacial da atividade industrial no contexto das mutações e suas consequências no território.

Algumas publicações e livro selecionado:

- *L'émergence contemporaine de la région dans la planification territoriale em France* (1993).
- *A propos de la formation des aménagement* (1993).
- **Indústria, ordenamento do território e transportes: a contribuição de André Fischer, In: Firkowski; Sposito (org., 2008) = livro**

ANDRÉ

FISCHER

Vínculo do Professor André Fischer com o Brasil

Foi professor convidado do Programa de Pós-Graduação da UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Presidente Prudente, de 15 de Julho a 31 de Agosto de 1997. Ministrou disciplinas na Pós-Graduação de Geografia de P. Prudente, na FFLCH/USP e na UFRJ.

Fez palestras sobre Planejamento Regional e Geografia da Indústria na Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual de Londrina e CEUD/UFMS; discutiu temas de pesquisa de estudantes de mestrado e doutorado e participou de trabalho de campo na Grande São Paulo e áreas industrializadas.

Em 2009 veio ao Brasil, quando o livro “indústria, ordenamento do território e transportes” foi lançado oficialmente na Universidade Estadual Paulista (UNESP) e na Universidade Federal do Paraná (UFPR); organizado pelos geógrafos brasileiros Olga Lúcia Firkowski e Eliseu Sposito.

Fonte: < <http://www.bv.fapesp.br/pt/auxilios/49902/andre-fischer-universite-paris-i-franca/>>.

Acesso em: 20 jan. 2016.

Segundo André Fischer, in: Firkowski e Sposito (org., 2008),

- Desde os anos 1980, as pesquisas consideram no ordenamento do território, as mudanças produzidas pela inovação tecnológica, para elevação da produtividade no contexto da emergência do sistema de produção flexível.
- ✓ No nível organizacional, o papel das pequenas e médias empresas/indústrias também torna-se fundamental;
- ✓ No setor econômico, trata-se da indústria de alta tecnologia e dos novos espaços industriais – parque tecnológico/científico, tecnopolo, incubadoras.
- A inovação e as novas tecnologias têm modificado o conteúdo da atividade industrial, transformado profundamente a organização espacial da indústria e a organização e a estruturação dos espaços geográficos;

Professor Georges Benko (1953-2009)



Imagem, In:
Benko, 1996

- Tem doutorado em geografia pela “École des Hautes Études em Sciences Sociales” de Paris (1982). Foi professor da escola de Arquitetura e do departamento de Geografia das Universidades de Paris onde trabalhava desde 1992.
- Era pesquisador do CRIA (criado por André Fischer).
- Foi fundador e editor da revista “Géographie, Économie Société” e presidente do Centro de Estudos e Pesquisas Urbanas e Regionais, desde sua fundação.

Algumas publicações e livro selecionado

“A dinâmica espacial da economia contemporânea” (1990). “Mudança industrial e o desenvolvimento regional” (1991); “As regiões que ganham” (1992);

Livros: “Geografia dos tecnopolos” (1991);

“Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI” (1996) = livro

Disponível em: BENKO, 1996; MÉNDEZ, 2009.

Vínculo do Professor Georges Benko com o Brasil

- Foi professor visitante em várias universidades e manteve ligação com estudiosos americanos e britânicos, como Allan Scott e Michael Storper; teve grande influência na América do Sul, sobretudo, no Brasil e na Argentina.
- Ministrou conferências e cursos várias vezes no Brasil, sobretudo, na Universidade de São Paulo (USP); e participou do conselho editorial do periódico “Revista do Departamento de Geografia” (USP).
- Foi convidado a ministrar conferências e cursos no Brasil, na Universidade de São Paulo (USP), tendo parceria com o grupo dessa Instituição.
- O livro selecionado “Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI” (1996) teve a apresentação do professor Milton Santos.

Fonte: R. MÉNDEZ, 2009, disponível em:

<http://www.investigacionesregionales.org/Novedades-448-new>; CLAVAL, 2011.

Mapa das Regiões da França: a Cidade Científica na Ilê-de-France



A França possuía 27 regiões administrativas: França Continental (22) mais regiões ultramarinas (5).

A Ilha de França (8 departamentos) é uma das 27 regiões. Paris (departamento) é a capital da França e da região onde se localiza a Cité Scientifique.

Possui 4 níveis de administração: *commune*, *intercommunalité*, *département* (101) e *région* (27).

Disponível em:

<http://www.gouvernement.fr/action/la-reforme-territoriale>).

Disponível em: <http://www.map-france.com/regions/>.

- Benko (1996) realiza estudo de Geografia Econômica sobre ambientes de inovação.
- Na parte teórica, partindo da abordagem regulacionista, realiza discussão das modificações socioeconômicas considerando a organização territorial e a industrialização contemporânea;
- O estudo de geografia industrial de Benko realizou uma avaliação da França (22 regiões) e de algumas cidades ou territórios urbanos...

... a partir de três aspectos maiores: metropolização; industrialização; e planejamento.

- Análise da “dinâmica espacial na França” a partir da transformações do espaço francês – fordismo e pós-fordismo.

- Benko (1996) mostra a relação dos ambientes de inovação para o desenvolvimento regional.
- Na pesquisa aplicada analisa a dinâmica espacial da França (indicadores econômicos das regiões francesas), a região de Ilê-de-France e a *Cité Scientifique* (Cidade Científica).
- Destaca o papel preponderante que a região Sul de Paris tem na economia nacional, desde o século XVIII, descrevendo a dinâmica espacial da Cidade Científica a partir de:
 - ✓ superfície territorial e dos dados socioeconômicos: população, formação, pesquisa; do potencial econômico; dos parques industriais existentes; e das políticas de inovação.

- A concentração industrial e urbana que provocou efeitos externos negativos no ambiente local fez surgir a Cidade Científica que coincidiu com o planejamento de 1960 (BENKO, 1996, p. 205)
- A Cité Scientifique coincide com o planejamento urbano de 1960, na França; e expandiu atividades industriais, devido à imagem positiva de dinâmica, científica e competitiva;
- Localiza-se na região Sul de Paris (Île-de-France-Sud) com 90 comunas, 1 milhão e 200 habitantes e uma superfície de 500 m². Engloba 04 departamentos (BENKO, 1996).
- “A difusão da inovação é possibilitada por redes de informação e/ou tecnopolos...

... que favorecem o conjunto de cidades que dispõem do capital cultural, científico, técnico e dos meios financeiros necessários à realização da união pesquisa-indústria” (BENKO, 1996)

- Benko (1996) aponta a concentração de atividades econômicas, os movimentos de mão de obra, os padrões de distribuição industrial, as relações da indústria com a urbanização e a política governamental de desenvolvimento.
- Além da Cidade Científica, identifica:
 - ✓ A Cité Descartes, no estado parisiense, com 135 hectares, tendo como vocação a informática e a eletrônica;
 - ✓ Créteil (departamento de Val de Marne) tem potencial para 100 mil empregos, em parceria com a Universidade de Paris, voltado para biotecnologias, engenharias biológicas e médicas.

- **Parques industriais franceses, conforme Benko (1996)**
 - ✓ Parque de Courtaboeuf, com 200 hectares e engloba três comunas, oferecendo lotes de 1.250 m², para mais de 300 empresas e 14 mil empregos;
- **Na indústria de alta tecnologia, os fatores de localização são:**
 - ✓ mão de obra altamente qualificada (capital humano);
 - ✓ universidades e centros de pesquisa;
 - ✓ serviços disponíveis às empresas no contexto da inovação;
 - ✓ Infraestrutura de transportes;
 - ✓ clima político e de negócios.

As áreas industriais atuais - os ambientes de inovação

- Conforme Benko (1996), são utilizados por cidades cujas estratégias de desenvolvimento econômico se apoiam na valorização de seu potencial universitário e de pesquisa, esperando que este provoque uma industrialização nova por iniciativas de empresas de alta tecnologia.
- Operacionalmente, é um agrupamento de organizações de pesquisas e de negócios que se ligam ao desenvolvimento científico, englobando um processo de conjunto, da etapa do laboratório à da fabricação e da comercialização do produto.
- Fisicamente, é um conjunto de empresas (sobretudo, pequenas e médias) – escritórios, laboratórios e unidades de fabricação que são estruturadas num ambiente de qualidade, próximos a universidades e institutos de pesquisa técnica, públicos e privados.
- No âmbito regional, tecnopólos são instrumentos favoráveis ao desenvolvimento de regiões, espaços propícios às indústrias de alta tecnologia, com serviços às empresas (BENKO, 1996, p. 155).

- Benko (1996) conclui que a Cité Scientifique é um dos mais importantes espaços de tecnologia e foi planejado objetivando o desenvolvimento da indústria de alta tecnologia.
- Portanto, Benko (1996) realiza um trabalho do tema indústria, com foco nos ambientes de inovação das regiões francesas.

Mais informações sobre a França e suas regiões, acessar:
www.datar.gouv.fr; www.insee.fr.

Professora Ann Markusen

Doutora em Economia, é professora emérita e diretora do Centro de Economia Industrial e Regional da Universidade de Minnesota, EUA;

Especialista em desenvolvimento econômico (escala estadual e local). Reconhecida internacionalmente, recebeu 11 prêmios por sua contribuição acadêmica.

Algumas publicações e artigo selecionado

- *Defining the cultural economy, Economic Development Quarterly* (2007);
- *The artistic dividend: urban artistic specialization and economic development implications* (2006);
- *Silicon Landscapes* (1985) com Peter Hall;
- **Áreas de atração de investimentos em um espaço econômico cambiante: uma tipologia de distritos industriais”, traduzido em 1995.**



Imagem, Disponível em:
<http://annmarkusen.com/>

Vínculo da professora Ann Markusen com o Brasil

- Conhecida dos acadêmicos brasileiros esteve no Brasil de março a abril de 2008, a convite do grupo de pesquisadores do CEDEPLAR/FACE/UFGM. Ela realizou duas conferências:
 - ✓ A primeira foi em 28 de março, intitulada *Artes e indústrias culturais no desenvolvimento regional*.
 - ✓ A segunda, *Artistas como empresários e ativos comunitários*, ocorreu em 16 de abril.
- O artigo “áreas de atração de investimentos em um espaço econômico cambiante: uma tipologia de distritos industriais” (1995) foi traduzido para o português pela revista Nova Economia - FACE/UFGM.

Mais informações sobre a professora Markusen, ver o site:
<http://annmarkusen.com/>

- Markusen (1995) inicia afirmando que se vive em um mundo marcado pela melhoria dos sistemas de comunicações e da acentuada mobilidade internacional...e indaga...
- Por que certas áreas conseguem manter sua capacidade de trabalho e capital?...por que certos locais se tornam atrativos e outros não?
- Como o modelo tradicional explica a durabilidade e o vigor de economias regionais no EUA, Japão, Coreia do Sul e Brasil?
- Dada a maior facilidade de (re)localização das plantas produtivas e possibilidade de instalação em regiões com menores custos de operação, a instalação tem se tornado mais fluida (*slippery*).
- Baseando na especialização flexível, nos DIs da Terceira Itália o papel das firmas pequenas e inovadoras, em um arranjo cooperativo de âmbito regional, é enfatizado...
...o que dá capacidade de adaptação e crescimento.

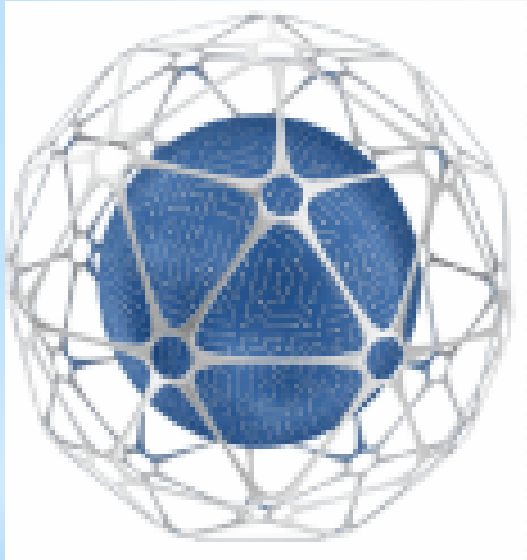
- Markusen (1995), contudo, indica mais três modelos alternativos, com poder de atração e manutenção de investimento - “sticky places in slippery space” (áreas atrativas em espaços fluidos).
- Além da ênfase em pequenas firmas pequenas como as Terceira Itália, essas outras (03) experiências demonstram o poder dos governos e das corporações multinacionais na configuração e arranjo de DIs.
- ✓ ... a) centro-radial; b) plataforma satélite; c) ancorado pelo Estado - em países avançados ou em desenvolvimento recente, como nos Estados Unidos, Japão, Coreia do Sul e Brasil.
- Eles permitem maior redes de negócios (networks) interdistritais e lógicas e políticas além do próprio DI.
- Ela define Distrito Industrial com “área espacialmente delimitada, com uma nova orientação de atividade econômica de exportação e especialização definida, seja relacionada à base de recursos naturais ou a certos tipos de indústria ou serviços”.

4) Tendências: indicação dos grupos de pesquisa identificados na Geografia Econômica.

Mais recentemente, quais as perspectivas/tendências da Geografia Econômica?

➤ Identificou-se a partir de dois grupos de pesquisa, a realização de **eventos sobre a geografia econômica**, o avanço teórico e metodológico na disciplina, com a abordagem da inovação.

- O grupo de pesquisadores da Universidade de Oxford, na Inglaterra - *School of geography and the Environment* – realiza eventos sobre a geografia econômica, incluindo a abordagem da inovação.
- O grupo de pesquisadores da Universidade de Toulouse, na França - *Laboratoire d'Etude et de Recherche sur l'Economie, les Politiques et les Systèmes Sociaux (LEREPS)* – através da realização dos eventos, tem discutido a inovação.



FOURTH
**GLOBAL CONFERENCE ON
ECONOMIC GEOGRAPHY 2015**
OXFORD UK



fourth global conference on economic geography 2015
mapping economies in transformation

19-22 AUGUST 2015
Examination Schools
University of Oxford

Disponível
em:
[content/uploads/2014/09/Leaflet_GCEG2015_Final.pdf](http://www.egrg.rgs.org/wp-content/uploads/2014/09/Leaflet_GCEG2015_Final.pdf)

<http://www.egrg.rgs.org/wp->

O evento: Instituição/departamento (realização), tema geral, objetivo, discussões/assuntos

The School of Geography and the Environment at the University of Oxford invites geographers, regional scientists, policy makers and researchers of related disciplines to participate in the Fourth Global Conference on Economic Geography to be held in Oxford on 19-22 August, 2015.

The overarching theme of the Oxford Conference is Mapping Economies in Transformation, recognising that the world is undergoing a transformation in terms of technology, and in need of transformations in terms of social and environmental sustainability

The biggest conference dedicated to economic geography!!

Cutting edge research on how the map of the world economy is changing, why it is changing, and what we should do about it

Plenary sessions and debates with eminent scholars, opinion- and policy-makers

Hundreds of presentations on cities, consumption, development, digital technologies, environment, finance, innovation, politics, regions, society, and work

Inspiration, networking and best practice sharing with more than 500 people from more than 50 countries

Exhibitions by leading publishers and much more!

Conference Themes include

Consumption Economies

Digital Economies

Financial Economies

Political Economies

Social Economies

Urban Economies

Development Economies

Environmental Economies

Innovation Economies

Regional Economies

Studying Economies

Work Economies

Público alvo: voltado para geógrafos, cientistas regionais, especialistas em indústria, formuladores de políticas públicas e pesquisadores de disciplinas relacionadas.

A Conferência Mundial de Geografia Econômica: histórico

- A primeira *Global Conference on Economic Geography* (GCEG) em Cingapura, na Universidade Nacional, 5 a 9 de dezembro de 2000.

Associação Americana de Geógrafos, Instituição de geógrafos britânicos, Instituto de Geógrafos Australianos, União Geográfica Internacional.

- A segunda Conferência ocorreu na China, Beijing, em 2007.
- A terceira Conferência ocorreu em Seul, Coreia do Sul, em 2011.
- A quarta/última Conferência ocorreu na Inglaterra, Universidade de Oxford, em 2015.
- A quinta Conferência ocorrerá em Colônia, Alemanha de 24 a 27 de julho de 2018.

Mais informações sobre a 1ª. Conferência, ver: <https://courses.nus.edu.sg/course/geoywc/conference/EconGeog%20Folder/Programme%20Book.html>.

Premissas do evento: contribuição da discussão geográfica

- ✓ Os organizadores da Conferência de 2015 basearam-se na ideia de que a economia mundial tem experimentado grandes choques e mudanças, redefinindo relações entre o Estado e os mercados; a mudança climática sobre os meios de subsistências e as relações econômicas perturbam o meio ambiente (In: *site* do evento).
 - ✓ Por isso, a geografia partindo dessa concepção de desenvolvimento assimétrico pode mapear tais transformações, explorar as implicações e formular novas maneiras em que as economias possam ser conceituadas e pesquisadas; considerando os desafios de desenvolvimento insustentável, instável e desigual.
-
- Mais informações, ver *Welcome from the Chair of Conference*, em: <http://www.gceg2015.org/welcome-from-the-chair.html>.
 - Sobre os temas de pesquisa apresentados no evento, ver: <http://www.gceg2015.org/uploads/2/6/9/5/26954337/gceg2015abstracts.pdf>.

O grupo de pesquisadores geógrafos da Universidade de Oxford

A faculdade que realizou o evento de geografia econômica é a “School of geography and the environment” e realiza:

- pesquisas interdisciplinares de ordem mundial;
- aborda problemas sociais e ambientais dentro de um ambiente de pesquisa interdisciplinar que combina ciências naturais e sociais e tem a geografia no centro (In: site do Departamento).

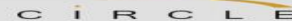
Mais informações sobre o Departamento de Geografia, **Disponível em:**
<http://www.geog.ox.ac.uk/>

3rd International Conference **Geography of Innovation**

28 - 30 January 2016

Toulouse, France

Pierre Baudis Congress Centre



Disponível em: <https://euolio.univ-st-etienne.fr/blog/2015/06/03/european-seminar-euolio-2016-3rd-geography-innovation-conference-2016?language=en>

O evento: Instituição/departamento (realização), tema geral, objetivos, discussões/assuntos

Organised by Sciences Po Toulouse and the LEREPS, in partnership with EUROLIO and CIRCLE, the Geography of Innovation Conference provides a forum for discussion to scholars interested in theoretical, empirical and policy issues concerning the spatial dimension of innovation activities.

Plenary sessions and workshops will gather together some of the world's leading thinkers working on innovation and related dynamics of technological, institutional and geographical change.

In line with the two previous editions, held in Saint Etienne (France) in 2012 and in Utrecht (Netherlands) in 2014, the conference invites contributions in a wide range of topics underlying the geography of innovation such as: global and local dynamics of innovation, science and technology policy, clusters, smart specialisation, firms R&D strategies, entrepreneurship, innovation systems, sustainable and social innovation, industrial dynamics and innovation networks.

Speakers

Susana Borrás, Copenhagen Business School

Patrick Cohendet, HEC Montréal

Bronwyn H. Hall, University of Berkeley

Francesco Lissoni, Bordeaux University

Roberta Rabellotti, University of Pavia

David L. Rigby, UCLA

Disponível em: <https://euolio.univ-st-etienne.fr/blog/2015/06/03/european-seminar-euolio-2016-3rd-geography-innovation-conference-2016?language=en>

Temas/sessão de trabalhos discutidos na conferência

- Session – Relatedness and the geography of innovation;
- Session – local and cluster based policies;
- Session – University-industry relations;
- Session – Innovation policy and knowledge relations;
- Session – Industry dynamics and innovation;
- Session – Spatial dynamics of innovation networks;
- Session – Regional diversification and growth;
- Session – Proximity and innovation;
- Session – Geography of Science.

Público-alvo: O evento reúne pesquisadores de várias disciplinas como da geografia econômica, ciência regional, ciência da gestão, sociologia e teoria de rede, e ciências do planejamento ou política.

A Conferência Mundial de Geografia Econômica: histórico

- Saint Etienne (França), em 2012.
- Utrecht (Holanda), em 2014.
- Toulouse, França, de 28 a 30 de janeiro de 2016.
- ✓ houve palestras, apresentações e oficinas que reuniram pensadores conhecidos no mundo sobre inovação e dinâmicas relacionadas a mudanças tecnológica, institucional e geográfica.

Mais informações sobre o evento, ver em: <https://geoinnov2016.sciencespo-toulouse.fr/portal/>

Premissa do evento: contribuições da Geografia

* Oferecer contribuições de temas sobre a geografia da inovação, tais como...

...dinâmicas globais e locais de inovação, política científica e tecnológica, cluster de competição, estratégias de empresas de P&D, empreendimentos, sistemas de inovação, inovação sustentável, dinâmica industrial e redes de inovação.

* Ser um fórum de discussão para os estudiosos interessados em estratégias política, científica relativas à dimensão espacial das atividades de inovação.

Palestrantes: Susan Borrás, Patrick Cohendet, Bronwyn H. Hall, Francesco Lissoni, Roberta Rabellotti, David L. Rigby.

O grupo de pesquisadores da Universidade de Toulouse

- Originalmente, o laboratório era denominado Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre a Economia da Produção (LEREP).
- Criado em 1976 na Universidade de Toulouse por uma pequena equipe de economistas, com base na vocação multidisciplinar.
- Inicialmente incluiu gestores e, mais tarde, juristas, sociólogos e planejadores.
- Esta contribuição levou à mudança de nome do laboratório (Laboratório de Estudos e Investigação sobre Economia, Política e Sistemas Sociais), confirmando sua vocação aberta a outras ciências sociais.
- Programas de pesquisa
 - ✓ Finanças e indústrias; desenvolvimento e sustentabilidade; redes e territórios.

Alguns pesquisadores do LEREPS – geografia

PUEL Gilles

- Professor da universidade no ordenamento do espaço e planejamento urbano, Universidade de Toulouse, França.
- Geógrafo de formação, especializou-se em assuntos que ligam território e tecnologia.
- Interesse de pesquisa: desenvolvimento digital e sustentável, serviços baseados mobilidade e localização em áreas urbanas, desenvolvimento de tele-serviços e interações entre sistemas sociotécnicos e desenvolvimento de cidades.
- Pesquisa interdisciplinar, sobretudo, com economistas, sociólogos, filósofos, gestores e pesquisadores de STIC (P. GILLES).
- Tema de pesquisa: cidades e urbanização do campo na Europa e nas grandes cidades chinesas.

Alguns artigos de PUEL Gilles:

- A transição política para uma indústria de TIC de baixo carbono na China: a escolha de Chongqing (2006);
- Os nós e links da Internet: abordagem geográfica, econômica e técnica (2006).

Tecnologias alternativas para as áreas rurais - O que dizer da dimensão “alternativa” do Wi-Fi (2007).

VICENTE Jérôme - Professor de ciência econômica, Sciences Po Toulouse. Diretor do LEREPS.

Interesse de pesquisa: Economia do conhecimento; *Geografia Econômica*; teoria de clusters; redes de empresas inovadoras.

Sobre VICENTE Jérôme, ver: <http://lereps.sciencespo-toulouse.fr/?vicente-jerome-585>

Concluindo sobre a importância dos eventos de Geografia no mundo...demonstrando tendências...

- Esses eventos demonstram a importância e o avanço do estudo da inovação na geografia.
- Identificam-se discussões teóricas, aplicadas e estudos de casos; há parcerias comuns entre instituições mundiais. Os professores envolvidos nos eventos são reconhecidos na área.
- Enfatiza-se que é apenas uma amostra dos temas explorados pelos geógrafos e estudiosos da inovação.



Conclusões

- O objetivo deste trabalho foi refletir sobre o conhecimento geográfico e sua aplicação em assuntos de interesse da sociedade e relevantes para o desenvolvimento do país (Brasil) e suas regiões, a partir da disciplina Geografia Econômica.
- Durante a evolução teórico-metodológica da ciência geográfica, a geografia econômica também se consolida no Brasil como apontaram os trabalhos dos geógrafos brasileiros e estrangeiros.
- Sobre as **Bases conceituais** identificou-se estudos de:
 - ✓ teoria e métodos com realização de estudo regional; adotando temas de áreas industriais; tratando da localização industrial e das perspectivas da geografia econômica.

O estado da arte

- Michael Storper e Paul Claval identificam um novo paradigma científico, a sociedade do aprendizado, da comunicação e/ou da informação.
- Firkowski e Sposito (2008) apontam que na fase mais recente, as discussões referem-se a mudanças no interior da indústria:
 - ✓ Inovação tecnológica tanto no sistema produtivo quanto no modelo de desenvolvimento.
 - ✓ Indústria de alta tecnologia
 - ✓ Multiplicação de novos espaços industriais.
- Segundo Benko (1996), após 1970, com as mutações econômicas emerge um modelo pós-fordista, regulacionista, de produção flexível. Ele realiza um estudo sobre uma região de tecnologia na França, como resultado do paradigma da inovação na sociedade contemporânea.

- Markusen (1995) reafirma a importância das áreas industriais para o desenvolvimento regional, os “sticky places in slippery space” - áreas atrativas em espaços fluidos.

Portanto, no que se refere especificamente ao estudo das áreas industriais/ambientes de inovação, durante a consolidação da disciplina - bases conceituais...

...as pesquisas se inseriam no paradigma da produção fordista de áreas industriais para grandes empresas/indústrias;

No estado da arte havia a presença de áreas industriais fordistas com o surgimento de novo modelo de desenvolvimento e a emergência de novas áreas de inovação e tecnologia – tecnopólos/parques tecnológicos, incubadoras de empresas.

- A inovação é resultado de um processo complexo e dinâmico de experiências nas relações entre ciência, tecnologia, pesquisa e desenvolvimento nas universidades, nas empresas e nos governos.
- Essas instituições/órgãos são promotores de inovação que aliados à política pública de implantação de ambientes de inovação contribuem para a inovação e desenvolvimento.
- Atualmente, as **tendências na geografia** apontam para a continuação do tema de áreas industriais no contexto da inovação, com grupos de pesquisadores:
 - ✓ Universidade de Oxford, na Inglaterra; e da Universidade de Toulouse, na França.
 - ✓ Temas de pesquisa: história/origem da geografia da inovação; política e clusters; relação indústria-universidade.

Referências

BARROS, Nilson Crocia de. **A geografia humana: uma introdução às suas ideias**. Recife: Ed. universitária da UFPE. 1993.

BENKO, Georges. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo, Hucitec, 1996. 266 p.

CARVALHO, Anna; SANTOS, Milton. A geografia aplicada. **Boletim Geográfico**. Ano XXIV, n. 185. mar/abr. de 1965. Seção Resenha e opiniões. p. 249-258

CHRISTOFOLETTI. Antonio. **As perspectivas dos estudos geográficos**. 1982.

CLAVAL, Paul. Geografia econômica e economia. **Geotextos**, v. 1, n.1, 2005. p. 11-27.

_____. A diversidade das geografias econômicas. **Geographia**, v. 14, n. 2. 2012. p. 7-20.

CLAVAL, P. Georges Benko (1953-2009). **European spatial research and policy**, v. 18, n. 2, 2011, 3 p.

GRUPO de pesquisa geografia brasileira: história e política. **Dicionário dos geógrafos brasileiros**. Miguel Ângelo Campos Ribeiro. Disponível em: <http://www.grupogeobrasil.com.br/dicionario_de_geografos.php>.

MARKUSEN, Ann. Áreas de atração de investimentos em um espaço econômico cambiante: uma tipologia de distritos industriais. **Nova Economia**, v. 5, n. 2, 1995. Cedeplar. p. 9-44.

OLIVEIRA, Lucia Elena Garcia. Algumas considerações sobre a implantação de distritos industriais. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 38, n. 4, p. 22-69, out./dez. 1976.

RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Principais linhas de abordagem e estudos empíricos... **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 44, n. 3, p. 415-444, jul./set.1982. Trimestral.

SAMPAIO, Silvia Selingardi. Considerações em torno da geografia industrial: teoria, métodos e uma nova técnica de mensuração da atividade fabril. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 37, n. 1, p. 95-122, jan./mar. 1975.

STORPER, Michael. Desenvolvimento territorial na economia global do aprendizado: o desafio dos países em desenvolvimento. In: RIBEIRO, L. C.; SANTOS JÚNIOR, O. A. **Globalização, fragmentação e reforma urbana**: o futuro das cidades brasileiras na crise. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1997.

VELOSO FILHO, Francisco de Assis. Análises geográficas do espaço regional: referências conceituais, metodológicas e estudos aplicados no Brasil. **Revista Equador**, v. 1. n. 1, ed. Especial, 2015.



Universidade de Brasília

OBRIGADA PELA ATENÇÃO!!!!

Diana dos Reis Pereira Carvalho

Mestre em Geografia, UFPI

Doutoranda em Geografia, UNB

Orientador: Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Júnior

Contato

dianarpc2016@gmail.com